



“A modernállamhatalom nem más, mint az
egészburzsoáosztálykösösügeitigazgatóbizottság”.

Livro e Arte em sua Expressão Absoluta

Marisa MidoriDeaecto
Para István Monok, com amizade

Raros são os estudos voltados para as edições do *Manifesto Comunista*, em uma perspectiva nacional ou internacional.

O levantamento de Bert Andreas, *Le Manifeste Communiste de Marx et Engels: Histoire et Historiographie* (1848-1918), publicado por Feltrinelli, em 1963 – edição rara, motivo de muita cobiça entre os marxistas, amantes do livro – mantém-se insuperável, a um só tempo como obra de referência e modelo de pesquisa sobre a temática. O autor se concentra na problemática da difusão de edições publicadas nos contextos da Primeira Guerra e da Revolução Russa, pois se trata, com efeito, de conhecer o alcance do *Manifesto* desde suas origens até o momento de consolidação da luta do proletariado, em 1917. Seria, contudo, interessante compreender em que medida a ação do PCUS, do Instituto Marx e Engels de Moscou e dos partidos comunistas organizados em todo o mundo concorreram para a multiplicação de edições do *Manifesto*.¹

Dada a dificuldade de um catálogo internacional das edições deste documento que se tornou o *vademecum* de todo comunista, as investigações adquiriram uma coloração nacional, tendo a organização dos PCs como ponto de partida. No Brasil, esforço semelhante de

1. Também o trabalho de Pedro Ribas se apresenta de modo fundamental no conjunto das obras de referência sobre a produção marxista. Ao contrário do estudo de Bert Andréas, o estudo não se restringe ao problema da edição e difusão do Manifesto. cf. Pedro Ribas, *Introducción del Marxismo en España* (1869-1939). *Ensayo bibliográfico*. Madrid: Ediciones de La Torre, 1981. Atualmente, têm ganhando corpo as pesquisas voltadas para a história editorial dos PCs, cf. *Edição e Revolução. Leituras Comunistas no Brasil e na França*. Organizado por Marisa MidoriDeaecto e Jean-Yves Mollier. Cotia [SP]: Ateliê Editorial, 2013.

mapeamento e análise das condições de edição e difusão do *Manifesto* publicado por Marx e Engels, em 1848, foi realizado pelo historiador Edgard Carone, também ele bibliófilo e amante dos livros.²

Uma edição, contudo, torna-se notável, menos por sua circulação entre os leitores comunistas do que por seus atributos materiais. É verdade que a questão do público a que se destina esta edição importa muito, bastando considerar que se trata de um pequeno volume do *Manifesto Comunista* vertido para o húngaro, o qual era distribuído para as autoridades em visita ao país. Todavia, o livro foi impresso e encadernado na República Democrática Alemã, em 1973. O volume do qual nos ocupamos data de 1975. Saltam às vistas os caracteres formais desta edição. A composição é elegante e a impressão bem cuidada. O volume apresenta encadernação em marroquim, com moldura em relevo e apenas uma linha dourada no lombo, o que não deixa dúvidas sobre o bom gosto e a delicadeza do projeto. O corte é tingido em vermelho apenas na cabeça do livro. O papel é apergaminhado, com vergaturas que lhe dão um aspecto rústico. O conjunto se torna ainda mais harmonioso com o emprego de uma guarda estampada com manuscrito vazado em fundo vermelho. Enfim, todos os caracteres convidam à sofisticação desta verdadeira joia bibliográfica.

Maso que dignifica a presente edição de *A Kommunista Párt Kiáltvány* são as gravuras que ilustram o texto. Dizer ilustrar é muito pouco para o trabalho deste grande mestre da narrativa que foi Frans Masereel (1889-1972). Pode-se mesmo dizer que as xilogravuras que acompanham o texto contam por si a luta da classe operária.

Frans Masereel nasceu em Gand, cidade belga voltada para o mar. Jovem, beneficiou-se das condições confortáveis oferecidas pelo ambiente burguês ao qual pertencia para se dedicar aos estudos das Belas Artes nas principais instituições europeias. Ingressou na Academia de Gand aos 18 anos e continuou sua formação em Paris e em Londres.³ A Primeira Guerra certamente significou um momento de ruptura e definição dos caminhos trilhados pelo artista. *Die Passion Eines Menschen – 25 Holzschnitte, chef d'oeuvre* de Frans Masereel, publicado em Munique, em 1918, marcou data na história da gravura. Thomas Mann se lembraria do livro dez anos mais tarde como a obra que mais o impressionara.

2. Edgard Carone. *Leituras Marxistas e Outros Estudos*. Org. de Lincoln Secco e Marisa Midori Deaecto. São Paulo : Xamã, 2004. Edgard Carone, *O Marxismo no Brasil (Das origens a 1964)*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

3. Peter A. Beronã. Introd. Peter Kuper. *Le Roman Graphique. Des Origines Aux Années 1950*. Paris: LaMartinière, 2009.

As 25 *Imagens da Paixão de um Homem* fazem emergir a vida de um operário, do nascimento até os momentos finais da vida. “Paixão”, nesse sentido, é usado com todo o peso que a tradição cristã lhe conferiu: o sofrimento, a dor, as chagas de Cristo, neste contexto, mimetizam-se no sofrimento, na dor e nas chagas do operário. As marcas da Guerra e da sociedade industrial se definem nas grossas linhas negras do artista.

Essas mesmas linhas e a mesma temática do operariado serão retomadas na edição de *A KommunistaPártKiáltványa*. Onze gravuras acompanham o texto, dialogam com o seu conteúdo e acentuam seu caráter dramático. Se isoladas, contariam elas mesmas de forma heroica a luta da classe operária contra a burguesia. Notemos ainda que os traços, os gestos e a massa de edifícios, chaminés, multidões, enfim, todos os elementos que compõem o ambiente dos trabalhadores representados nas gravuras desta edição de 1973 dialogam diretamente com aquelas cenas marcantes gravadas no livro fundador, de 1918. Seria o caso de se perguntar se algumas matrizes daquela época não foram aproveitadas para o *Manifesto*, tal a aproximação das temáticas e as semelhanças do herói da narrativa. Ou, de forma oposta, se o livro composto na época da Guerra, se as *Imagens da Paixão de um Homem* não revelam a tomada de consciência de um burguês frente à *débâcle* dos valores de sua sociedade. Não teria ele se alimentado das mesmas leituras de crítica social, senão, das matrizes marxistas que movimentaram o mundo em 1917? As 25 gravuras da “paixão” não teriam sido o testemunho da consciência tomada a partir da leitura do *Manifesto*? As mesmas gravuras que agora enriquecem esta bela edição, sob a forma de um delicado missal, impresso em húngaro.

Deixemos as imagens contarem por si a saga do operariado no negrume impresso pelo artista. Por Frans Masereel, o mestre da expressão absoluta.